



Folhas soltas nº6

Psicanálise:
invenção e intensão

Boletim aperiódico dos cartéis da Escola
intercontinentais e bilíngues

Julho de 2025



Sumário

Sumário.....	2
Abertura.....	3
Leonardo Assis \ Com a língua solta: sobre os cartéis intercontinentais.....	6
Julieta L. De Battista \ Breves reflexões acerca da invenção na intensão.....	9
María Claudia Domínguez \ As raízes do ato do analista.....	16
Silvana Rosita Leali \ Cartel corpo e exílio.....	21
Glaucia Nagem de Souza \ Tradizer a língua.....	24
Beatriz Oliveira \ Um saber que se inventa.....	29
Eliane Pamart \ Inquietações do passador.....	32
Continua.....	36

Abertura

O CAOÉ, Colégio de Animação e de Orientação da Escola, tem o prazer de lhes apresentar a 6ª edição eletrônica da *Folhas Soltas* destinadas à circulação dos trabalhos dos “Cartéis intercontinentais e bilíngues”. *Folhas Soltas* visam constituir um “espaço de ressonância” no seio de nossa Escola a partir das diferentes produções individuais desses cartéis. Publicamos assim nas *Folhas Soltas* N°6 os textos recebidos da proposta lançada pelo CAOÉ anterior, com o tema: “A intensão e a invenção da psicanálise?”. Proposta muito bem recebida que temos o prazer de anunciar aqui e recomendar a leitura.

Os autores que participaram desta edição se perguntaram sobre o saber do psicanalista, também formularam que é preciso topar com um saber sem sujeito que sustenta o ato do psicanalista, ato que não é sem dizer e a partir do qual o sujeito muda, sujeito este exilado e órfão de sua própria língua materna.

Outra questão interessante trazida, especialmente para pensar os cartéis bilíngues, foi: Como usar a própria língua? E como ultrapassar as barreiras da outra língua para dizer? E ainda que, nestes cartéis aquilo da língua que faz laço, não se perde preso as traduções, ela parece se tornar audível.

Convido-os a leitura!

Esses cartéis do CAOÉ têm efetivamente permitido novos laços entre os membros da EPFCL e nos fez saber sobre a diversidade, particularidades locais, expansão sempre em movimento dos Fóruns das oito Zonas da IF que se baseiam em um único princípio: a extensão da intensão da psicanálise, seja isso que mantém o próprio “do discurso analítico em ato nos tratamentos”.

Fazer cartel, se engajar neste trabalho mostra um psicanalista que leva a sério o ‘fazer Escola’, contribuindo para a elaboração de um saber quanto ao princípio lógico e ético disso que “faz” um psicanalista capaz de sustentar a psicanálise.

Podemos dizer que, todos os cartéis são da Escola, desde “O Ato de fundação” e estão abertos a todos. No entanto, os cartéis da Escola do CAOÉ, intercontinentais e bilíngues, convidam precisamente os membros da Escola a realizar esse trabalho, por estarem engajados e se inscreverem como parte interessada da EPFCL e da insistência de seu objeto. Lembramos aqui os termos dos princípios diretivos para uma Escola: se trata para um membro da Escola “de um engajamento específico que não é somente engajamento na psicanálise em intensão, mas, além disso, uma ‘intensão’ sem fronteiras”.

Nossa Escola é internacional e fala múltiplas línguas, nossos dispositivos de trocas não seriam possíveis sem a disposição e o enorme trabalho

das equipes de tradutores que agradecemos muito particularmente aqui. As diversas experiências com os tradutores da IA, nos fazem apreciar ainda mais a sua colaboração.

— O Colégio de Animação e de Orientação da Escola, CAOÉ: Dyhalma Ávila, Antonia Maria Cabrera, Rosa Guitart, Adriana Grosman, Gabriela Zorzutti, Karim Barkati, Mariana Severini.

Leonardo Assis \\ Com a língua solta: sobre os cartéis intercontinentais

— Cartel “Testemunho”¹



Leonardo Assis. *Psicanalista, Membro de Escola (EPFCL) e do Forum São Paulo. Pratica a psicanálise na cidade de São Paulo e Fronteiras. Atualmente é diretor do Forum São Paulo para o biênio 2025-26 e delegado da IF pelo mesmo período. Mestre e doutor em Psicologia Social pela PUC-SP.*

Uma das consequências do fazer-se passador pela análise pessoal é a língua solta: ao constatar o desastre (*des-être*) que orientou sua cura, sem recuar tomado pela angustiante permeabilidade da palavra, esse analisante que encontrou no equívoco da linguagem a lei que pode provocar o desejo de saber agora produz com o próprio músculo sons distorcidos - são novas ressonâncias no laço, antes preso pelo cabresto da fantasia que de maneira sempre fracassada intentava colar seu corpo ao Outro, falando merda, miserável na economia do significante. Banhado pela fortuna da letra, o passador deixa-se atravessar pela diversidade da língua e tal como ela não é fixo, nem imutável, mas no vai e vem de um momento imensurável, o término dessa infecção chamada transferência, extrai satisfação e entusiasmo daquilo que uma mulher

¹ Cartel “Testemunho”: ALONSO PORRES Ana, ASSIS Leonardo (mais-um), FRANCO MILAGRES Andrea, PALLEJÀ DOMINGO Montserrat, REBOLLO CLAVERIA Manel.

faz tremer... *Alíngua* treme... Por acaso, é a única parte que avança para fora do organismo, que extravasa para além das fronteiras do corpo falante e, tratando-se desse que pratica a psicanálise, circunscreve o gosto da Escola. Que lugar a não ser a Escola para o passador testemunhar com suas palavras o dizer lacaniano de que “ele é o passe”, ou mais ainda, de que o passe é um dispositivo de transmissão, ensino e destituição?

Nesses termos, podemos comemorar as condições específicas da modalidade de cartel proposta pelo CAOÉ (Colegiado de Animação e de Orientação da Escola) em 2021: que seus integrantes, membros de Escola e enlaçados pelas transferências de trabalho, possam ultrapassar as barreiras linguísticas e geográficas ao compor cartéis em torno das questões fundamentais da intensão da psicanálise, envolvendo ao menos dois continentes e duas línguas. Nessa convocação bem-vinda, para que os membros vivam literalmente o predicado internacional da Escola, um passador pode encontrar acolhimento para o testemunho de sua função, sem obturar sua solidão, dando uma mão ao princípio que orienta o laço com seus colegas, o passe, e por conseguinte, à manutenção da abertura da seguinte inquietação: o que é um analista? Um cartel intercontinental cai bem ao passador, onde ele pode transparecer a política do inconsciente que Lacan enuncia na lição de 13 de abril de 1976: “Criamos uma língua na medida em que a todo instante damos um sentido, uma mãozinha, e sem isso a língua não seria viva. Ela é viva porque a criamos a cada instante. É por isso que não há inconsciente coletivo. Há apenas inconscientes

particulares, na medida em que cada um, a cada instante, dá uma mazinha à língua que ele fala” (p.129). Nada melhor do que esses cartéis plurilingues para o passador sustentar o bem-dizer que ele não é um agente da passiva – ao contrário, está com a língua solta, isso quer dizer, que está em condições de formalizar com *aisance* os termos po-éticos de sua designação, da autorização de si-mesmo que ele empreende e que o mobiliza nisso que conhecemos por *momento de passe*. Falar mais do que a boca, sem se perder na tradução...

Julieta L. De Battista \ Breves reflexões acerca da invenção na intensão

— Cartel “O saber do psicanalista”²



Julieta L. De Battista. AME EPFCL, Forum Argentino do campo lacaniano, Polo Buenos Aires. Doutora em Psychopathologia Université de Toulouse. Especialista em Clínica Psicanalítica com adultos na Universidad Nacional de La Plata. Professora a Cargo de Psicopatología 1 UNLP. Docente de posgrado de la Maestría en Psicoanálisis (Universidad de Buenos Aires, Universidad de Mar del Plata). Autora do livro ‘El deseo en las psicosis’.

É difícil que esta proposta de reflexão não nos lance à decepção de Lacan com o passe em 1978. Uma decepção que deveria ser entendida nos termos em que ele a expõe: certo interesse em que algo do devir analista seja transmissível – tentar obter algum testemunho disso – que choca com a constatação do que a psicanálise tem de intransmissível.

Não foi possível construir um “saber” sobre o passe, nem uma “clínica” do passe. Frente ao intransmissível da psicanálise – especificamente o devir analista –, Lacan destaca o incômodo, mas sobretudo a necessidade de que cada analista esteja obrigado a reinventar a psicanálise ou, mais precisamente, “o modo como a psicanálise pode durar” (Lacan, 1978). E cada analista

² Cartel “O saber do psicanalista”, com Kristèle Nonnet-Pavois, Anaïs Bastide, Carole Leymarie y Dominique Fingermann-Touchon (Mais-um).

somente conta, para essa reinvenção, com aquilo que pôde obter do fato de ter sido analisante.

Essa reinvenção não transita então pelo caminho da invenção de um saber transmissível, e sim de reinventar a maneira pela qual a psicanálise pode continuar como prática. Isso requer necessariamente a presença de um analista, de que continuem existindo os operadores que consigam transformar alguém que procura um analista em um analisante, pela via de comprometê-lo com a colocação em ato da associação livre.

Esse porvir não está garantido. Que a psicanálise perdure depende, em parte, de que continuem existindo os analistas, que haja “oportunidade de analista” (Lacan, 1971/1972). Daí que a decepção lacaniana de 78 não implica, a meu ver, que o procedimento do passe careça de valor para a transmissão da psicanálise, com a condição de aceitar que há algo intransmissível que passa ou não, por contingência. “Não há ato senão fracassado” (Lacan, 1971-1972/1997, p. 20).

Em nosso cartel do CAOÉ sobre o saber do analista, trabalhamos esse deslizamento ínfimo, que pode passar inadvertido, pelo qual um analisante pode advir analista, possível resposta à pergunta que insiste em Lacan: “como um analisante pode um dia ter vontade de se tornar psicanalista? É impensável, eles chegam como as bolas de certos jogos que vocês conhecem bem, que terminam por cair no buraco. Eles chegam sem ter a menor ideia do que lhes acontece” (Lacan, 1971-1972/1997, p.50). Parece tratar-se de

um advento do desejo por um redemoinho revolto, algo se desperta após ter sulcado esse saber do inconsciente até captar seus restos, suas migalhas de saber³. Já não se sonha da mesma maneira nem com o sentido, nem com o saber, nem com a verdade. Poderíamos ficar no intransmissível da psicanálise. Entretanto, a proposta do passe é também a de fazer o esforço. Trata-se de dar provas de como se adveio analista a partir do trabalho analisante, mesmo quando isso é considerado por Lacan algo “anormal”, até mesmo uma “aberração”: que alguém que sabe o que é uma análise queira, ainda assim, atuar como analista.

Pois bem, para que essa reinvenção da psicanálise possa perdurar difere da dimensão daquilo que se inventa frente a não proporção sexual, a invenção sinthomática a partir daquilo que do sintoma se impõe desde o real. O que se inventa para preencher o “*troumatisme*” da não relação⁴ é justamente o que se desmonta nas voltas de uma análise. Ante o furo em que se soluciona a transferência⁵ já não resta a chance de preenchê-lo com a “invenção que nos coça” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 185). É a ocasião de um luto bem singular, já que esse furo no real em

³ Apresentei os primeiros resultados do trabalho do cartel sob este título na Journée des Cartels intercontinentaux et bilingues des membres de l'École: «Os analistas são os sábios de um saber sobre o qual não podem falar.» Acte et savoir du psychanalyste. 16 de setembro de 2023

⁴ (...) mas todos sabemos porque todos inventamos algo para preencher o buraco [trou] no Real. Onde não há relação sexual, isso produz “traumatismo” [troumatisme]. Se inventa.” (Lacan, 1973-1974, 19/02/1974)

⁵ Lacan, J. (1967a). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. Em J. Lacan, Outros escritos.

que se soluciona a transferência já não mais apela a mobilizar a trama simbólica. A via analisante chega a certo fim. O analista por vir tampouco se precipita nesse furo, sabe como “manter-se na borda”⁶ (Lacan, 1967b/2003, p. 348).

Tendo a pensar que nessa resolução do luto estão as chances, a oportunidade dessa metamorfose do desejo que Lacan inventa ao nomeá-la⁷ “desejo do analista”. Esse luto, essa separação do analista que causou esse trabalho, não relança à via analisante, e sim se apresenta como uma conclusão. É um luto conclusivo que abre as portas ao ato: zona de passagem, efeito de umbral, liminaridade do passe⁸ que invoca esse momento eletivo⁹ de passagem de analisante a analista, mas que também pode ter outros destinos.

⁶ «Este ato, que se institui como abertura ao prazer masoquista, reproduzindo o seu arranjo, é corrigido pelo psicanalista com uma certeza arrogante: que nenhum dos seus pares se precipite nessa abertura, que ele próprio, portanto, saberá manter-se à margem.» Lacan, J. (1967). A psicanálise, razão de um fracasso. Em J. Lacan. Outros escritos.

⁷ Lacan também associa a invenção ao ato de nomear: «(...) o inconsciente não descobre nada, pois não há nada a descobrir, não há nada a descobrir no real e há um buraco ali; se o inconsciente inventa, é ainda mais precioso advertir que na lógica ocorre o mesmo, ou seja, mesmo que Aristóteles não tivesse inventado a sua primeira abertura, se não a tivesse feito passar do dizer para esse esmagamento do ser graças ao qual faz silogismos, é claro que já se faziam silogismos antes, só que não se sabia o que eram os silogismos. Para perceber, é preciso inventar: para ver onde está o buraco, é preciso ver a borda do Real” (Lacan, 1973-1974, 19/02/1974). “Eu te batizo, Real”.

⁸ Abordo esta ideia na minha contribuição «Mind the gap: o não reconhecido do passe», publicada em Wunsch 2023, na qual transcrevi o que consegui produzir no trabalho dos cartéis do CIG 2021-2022.

⁹ Lacan, J. (1969). O ato psicanalítico. Relatório do seminário 1967-1968. Em J. Lacan, Outros escritos.

O que está em jogo aí? Talvez algo do indestrutível do desejo, de sua imortalidade, de sua infinitude. Em seu seminário sobre a transferência, Lacan perguntou qual deveria ser o papel da cicatriz da castração no eros do analista¹⁰. Talvez seja uma pergunta que convenha ser retomada nos termos de por quais razões alguém que terminou sua análise escolhe embarcar a outro na via analisante (Lacan, 1976).

A dignidade do ato analítico está em comprometer a outro sujeito para que entre no discurso analítico, causando e sustentando a prática desse impossível que é a associação livre, fazendo com que alguém entre nesse laço novo em que se pode deixar de lado o normatizado, os juízos, o ideal. Um laço tão valioso em época de imperiosa moralidade e do reinado do politicamente correto. Pela maneira como esse analisante advindo analista faça valer a prática da regra fundamental, em sua enunciação, está a chance inventiva de que a psicanálise perdure. A destituição subjetiva em si produz a proibição do passe¹¹, dado que não há apropriação subjetiva possível disso. Não há relato de passe, nem clínica do passe. Esse passe deve recomeçar sempre no ato de entrada em uma análise, não é da ordem de um final que selaria um destino e inauguraria uma posição.

¹⁰ Lacan, J. (1960-1961). *Le séminaire. Livre VIII. Le transfert*. Paris: Seuil, p. 129-130.

¹¹ Lacan especifica isso na resenha do ato (1969): «A destituição subjetiva não é menor em proibir essa passagem, uma vez que deve, como o mar, recomeçar sempre.

Nesse ponto, a prática analítica não se orienta por nenhuma preferência relativa às referências que funcionam nos discursos que organizam o laço social na cidade. Orienta-se entre o que se pode ler e o que se pode escrever: entre o possível – o que cessa de se escrever – e o impossível – o que não cessa de não se escrever. O luto do analista é justamente este: não há objeto que tem mais valor do que outro. E se esse desejo inédito surgiu pode ser que já não haja como voltar atrás. Nesse mais além da análise, após essa ladainha final, haveria outro atravessamento, outra volta, outra curva: o do luto.

Que esse furo em que se soluciona a transferência seja da ordem de um redemoinho, me faz pensar também no efeito que pode ter esse luto conclusivo na interrogação ética de como se pratica a teórica entre analistas. Trabalhar com outros em cartel, a partir de alguma convergência, algum encontro de desejos: fiar-se colocação em comum de desejos em uma transferência de trabalho. Isso também é uma descoberta inventiva do que se pode obter em uma análise e de um desejo que se transformou na sua relação com os outros: por ter confiado no inconsciente como analisante, pode-se confiar no de outros. Esse desejo metamorfoseado já não se crê como tão indestrutível nem imortal: advém desejo finito, não-todo, não louco, não deseja o impossível, atua-se.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

Revisão: Ida Freitas

Referências

Lacan, J. (1960-1961). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Lacan, J. (1967a). Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.248- 264.

Lacan, J. (1967b). A psicanálise, razão de um fracasso. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 341- 349.

Lacan, J. (1969). O ato psicanalítico. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 371- 379.

Lacan, J. (1971-1972). *O saber do psicanalista: Seminário 1971-1972*. Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997.

Lacan, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Lacan, J. (1973-1974). *O seminário, livro 21: os não-tolos erram*. (Inédito)

Lacan, J. (1976). Prefácio à edição inglesa do Seminário XI. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 567- 569.

Lacan, J. (1978). *A transmissão. Encerramento do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris*.

María Claudia Domínguez \\ As raízes do ato do analista

— Cartel “O desejo do analista”¹²



María Claudia Domínguez. Vive em Trieste e trabalha como psicanalista em Monfalcone, Italia. É AME da EPFCL e faz parte da Escola desde um ano de sua fundação. É membro do Forum de Girona da Espanha e de FPL da Italia. Docente do C.C. Do Mediterráneo. Seu trabalho aqui apresentado é sua contribuição ao Cartel de Escola Intercontinental, onde trabalhou o saber do analista, sobre o que não se puede conversar... E a nivel internacional desde 2021 a 2023 sobre: O desejo do analista.

À interpretação, que como sabemos se revela uma ferramenta fundamental numa análise, Lacan acrescenta, durante a conferência de Baltimore¹³, a introdução do ato analítico. A interpretação traz consigo a revelação, em

¹² Cartel “El deseo del analista”, con Beatriz Almeida, Viviana Gómez, Matilde Pelegrí, plus-Un, Victoria Torres.

¹³ J. Lacan, *Conferência de Baltimore*. Acerca da estrutura como mistura de Alteridade, condição sine qua non de absolutamente qualquer sujeito. Ao introduzir o Outro como um lugar, pergunta-se: onde está o sujeito? É preciso encontrar o sujeito como um objeto perdido. Mais precisamente, esse objeto perdido é o suporte do sujeito e em muitos casos é uma coisa mais abjeta do que possam considerar, em alguns casos, é qualquer coisa que todos os psicanalistas, e muitas pessoas que fizeram análise conhecem perfeitamente bem. Esta é a razão pela qual muitos psicanalistas preferem retornar à psicologia.

diversos modos¹⁴, de um S2. E isso dá um sentido
significante que temos o dever de interpretar.

Todavia, Lacan evoca que “o ato do analista não é
sem o dizer”¹⁵, um dizer que tem a ver com o
gozo. “O ato ocorre por meio de um dizer, após o
qual o sujeito muda.”¹⁶ Um dizer, então, que não
tem nada a ver com o sentido, mas com o real.

Concordamos que se trata de um ato, aquele do
analista, no qual o analista não pensa. Lacan fala
da palavra do analista como uma palavra
autística¹⁷.

O gozo veiculado em um dizer está do lado do
analisante ou do analista em seu ato? Poderíamos
nos perguntar se no ato analítico não se teria
necessariamente em consideração o fantasma do
analisante. Só poderemos dizer que no ato do
analista está implicado um gozo do analisante, se
o mesmo produzir um efeito sobre o analisante.
Pois o sujeito em análise diante do ato do analista
não será o mesmo depois desse ato.

Essas reflexões nasceram à luz de um cartel em
que trabalhamos o desejo do analista. Um desejo
no qual não se pode eludir o gozo.

¹⁴ Crf. J. Lacan, *O aturrito*, in Outros Escritos. Einaudi, Torino: 2013.
Onde Lacan produz uma mudança de axiomática no ensino, entre
aquela do desejo que se baseava sobre a palavra endereçada ao
Outro, enquanto o desejo se colocava entre os significantes e
deslizava na metonímia da cadeia. Agora prevalece a axiomática do
gozo, do qual a palavra se torna o veículo. O inconsciente se torna
conhecimento cifrado, uma escrita que hospeda o gozo e que deve ser
decifrada quando é lida.

¹⁵ J.Lacan, *O aturrito*, in Outros Escritos. Einaudi, Torino: 2013, pag
455. A razão está no fato de que o discurso analítico concerne ao
sujeito, que, como efeito de significação, é resposta do real.

¹⁶ J. Lacan, *O Ato Analítico - resumo do seminário de 1967-1968*, in
Outros Escritos, Einaudi, Turim, 2013 p. 369.

¹⁷ J. Lacan, Seminário 15, lição de 19 de junho de 1968.

A partir do momento em que comecei a pensar no que escreveria em “folhas soltas”, a analista fez um ato, e depois pensou, paradoxalmente, que o ato a fez pensar¹⁸. Como se presume na especificidade de seu ato.

Após algumas sessões de uma analisante histérica, ocorre um momento de protesto acalorado contra seu pai idoso, que por sua vez é também o seu patrão no trabalho. Um patrão que não lhe deixa muito espaço para tomadas de decisões. Esse homem evidentemente não cederá seu lugar a ninguém, por razões que ignoro, pois não o conheço.

No final dessa sessão, combinamos um novo encontro. Tal dia e tal hora.

A jovem frequentemente solicita que as sessões sejam tarde da noite por motivos de trabalho. Quando ela me pergunta “20h está bom nesse dia?”, e a analista responde – claro, eu amo meu trabalho!

A jovem começa a rir e diz: “Espero que não como meu pai!” Enquanto ela anotava o compromisso no celular.

Esperei por ela no dia e horário marcado, às 20h, e ela não apareceu. Então às 20h20 lhe enviei um whatsapp perguntando: “tínhamos um agendamento para as 20h?”

- Não! Agora estou procurando...

¹⁸ J. Lacan, *O Ato Analítico - resumo do seminário de 1967-1968*, in *Outros Escritos*, Einaudi, Turim, 2013 p. 371. O psicanalista na psicanálise não é sujeito, pois situa o seu ato segundo a topologia ideal do objeto a, pode-se deduzir que ele opera enquanto não pensa.

Depois ela me escreveu dizendo que não havia anotado o compromisso na agenda do celular e que havia olhado no celular várias vezes durante a semana para ver quando deveria vir, mas não conseguia encontrar o compromisso na agenda.

Quando a chamei depois de seu “– Não!”, que foi a sua primeira resposta, ela me escreveu que havia anotado o compromisso na agenda do celular, mas não havia salvo.

Penso que, como analista, talvez eu tenha feito um ato errado. Seria qualquer coisa do meu próprio gozo, uma passagem ao ato? Ou de um desejo fantasmático meu que me fez crer na existência da relação sexual? Levo para supervisão.

Minha questão na supervisão levou-me a me perguntar se eu deveria ou não cobrar por esta sessão na qual o sujeito não compareceu. Pensar nem sempre ajuda o analista, como veremos.

Então o analista supervisor me pergunta porque a analisante não deveria pagar pela sessão à qual não compareceu, certamente por seu fantasma. A analista não deveria ser paga pelo tempo que esperou por alguém que não apareceu para sua sessão, por aquilo que seria quase seguramente um *acting-out*?

O sujeito espera uma representação do Outro e é aí que se pode descongelar a palavra. É o ato que faz sair do habitual disco quebrado da repetição.

A surpresa ao propor uma nova sessão que é aceita quase imediatamente, quando lhe pergunto o que aconteceu para ela não aparecer.

Sabemos que muitas vezes o sujeito efetua a denegação do ato, faz de tudo, como, por exemplo, anotar um novo horário de sessão na agenda do celular sem salvá-lo, para depois não encontrá-lo quando o procura na agenda, cegada pelo próprio fantasma.

Emerge um choro descontrolado na jovem por causa de uma discussão furiosa com seu pai, onde a briga estava pautada em questões de trabalho e questões de amor do pai pela filha, já que se trata de um pai que é também o seu patrão no trabalho.

No seu pranto é revelada uma tristeza que a fez cruzar o Rubicão: “Eu não quero esse legado de violência que recebi do meu pai! Eu mesma o humilhei!”

Foi aí que eu pensei que o ato analítico funcionou, um dizer foi endereçado a outros ditos. Tudo o que se diz ou deixa de dizer é o desejo do analista; essa é a lógica do dizer.

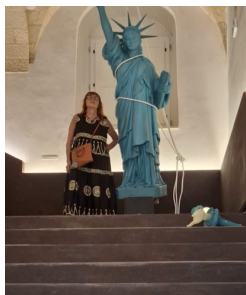
Ela não somente pagou por suas sessões, mas também comentou: “Preciso trabalhar nisso, porque é algo que me custa muito.”

Portanto, é importante entender que o dizer é dirigido aos ditos, pois o ato introduziu um mal-entendido que permitiu equivocar a repetição.

Tradução: Beatriz Helena Martins de Almeida

Silvana Rosita Leali \ Cartel corpo e exílio

— Cartel “Corpo e exílio”¹⁹



Silvana Rosita Leali. *Membro da Escola de Psicanálise dos Foruns do Campo Lacaniano e do Forum Psicanalitico Lacaniano (EPFCL Italia -FPL). Vive e trabalha na Sicília, nos pueblos del Etna, dedicando-se a difusão da psicanálise (Cantieri di Cura, Cantieri di Bellezza y Cantieri di Poesia). Colabora com a 'Universidad de El Cairo Al Sun', com a investigadora Dra. Wardhan Mostafa sobre as relações entre a psicanálise, a ciência árabe, o corpo «bajo los cielos del Islam» e a poesía nos direitos humanos.*

Este Cartel está engajado nas questões fundamentais do discurso analítico:

O exílio e os exilados,

A história e as histórias de nossos sujeitos analisantes

O saber

O horror do presente, sonho, a debilidade, o trauma

O amor, o misticismo, o corpo e os corpos deportados “[...] a história nada mais é que uma fuga da qual só se narram os êxodos [...]. Somente deportados participam da história: já que o homem tem um corpo, é pelo corpo que se o tem.”(Lacan, Joyce, o sintoma. In: Outros escritos. p. 564-5).

¹⁹ Cartel com María Claudia Domínguez, Beatriz Almeida, Matilde Pelegrí, Rossana Arrivabene, Mais Um: Silvana Rosita Leali.

Cada um de nós, como Ulisses (e como Lacan nos ensina), é exilado e órfão de sua língua materna (*comfort zone* e zona de conforto) e avança, junto e na solidão, em um navio um tanto frágil e em movimento.

Navegamos por uma lista de livros e saberes, não compulsivamente, mas desejando **saber fazer** com o trabalho analítico.

Um livro não é uma soma de conhecimentos e verbetes linguísticos, mas é, para um exilado, uma *terra nova e de trabalho*.

Imergindo-se, como em um sonho, em um submarino no horror do presente, encontramos (ou esbarramos):

- As terras do saber e do corpo deportado
- A angústia e os pesadelos da adolescência
- As terras do exílio e a poesia da debilidade
- Os sonhos, os corpos torturados, os gozos etc.

Por fim, ressurgimos no privilégio de sermos fracos e flutuantes (Lacan)

Na viagem, tivemos o prazer de acolher uma nova participante exilada, vinda da Argentina, que trouxe ressonâncias, fragmentos de escuta, *alegria pelo futuro e também pela escuta*.

Sem respostas, estamos caminhando para a satisfação do final de análise, *consentir com o perder...*

Este Cartel não é um inventário, mas é a possibilidade de novos recursos?

O exílio é um encontro de perguntas sem certeza,
uma viagem de um corpo destruído a um corpo
falante, um corpo poético?

E o Cartel, em um *circuito de afetos*

de (V. Safatle "Sobre a potência política do
inumano)

É um inventário ou um novo alfabeto?

Um momento ou um **curttighio**²⁰?

Tradução: Leonardo Pimentel

²⁰ Na língua siciliana, *curttighio* é o falar dos vizinhos, com satisfação, conhecer os fatos dos outros, reconhecer alguém, nomeando *curtigghiarata* um lugar de palavra.

Glaucia Nagem de Souza \ Tradizer a língua

Invenção e Intensão – na escuta da “língua na integral dos equívocos que sua história deixou persistiraem nela”²¹

— Cartel “Dizer, Dire, Decir.”²²



Glaucia Nagem de Souza. *AME da EPFCL Brasil, FCL São Paulo.*

O tema de nosso cartel iniciou com o título: *Dizer, Dire, Decir*. O que contorna o título e as línguas envolvidas, enlaçadas. Há Uma língua escolhida para se falar: o francês. A língua que nosso autor de base transitava, transabitava. Nosso cartel começou com o Aturdito e aturdissemos como cada um passava por esse tex(di)to. Para escrever o que segue, além do texto escolhido, reli os textos que circularam. Escrevo e transito na língua que trans(h)abito: o português. Passar de uma para outra não é simples. Seguem algumas considerações bord(e)adas pelas discussões que para mim são diz-excursões por terras, letras e sons que ecoam por dias nos ouvidos após

21 Lacan, J. O Aturdito, in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. P. 492. (português)

22 Cartel “Dizer, Dire, Decir” que se reuniu desde junho de 2021 a fim de 2022 – Dominique Fingermann (+1), Andrea Fernández, Bruno Geneste, Christophe Charles, Glaucia Nagem de Souza, Rithée Cevasco

nossos encontros. Algo de invenção e intenção transitam por essas linhas.

...

Ditos e Dizer giram e perfazem o tempo do aturdir de uma análise. Um não é sem o outro, mas a análise faz os ditos se gastarem para cuspirem o dizer que neles se esquecem... Lendo o Aturdito e atentando para a questão do dizer nos deparamos com um texto topológico. Inicia com a frase-valise “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”. Frase que guarda em sua gordura muitas voltas e assim sustenta toda a construção da lógica modal. Gordura a ser gasta e consumida nas delícias escritas e ditas. Lá pelas tantas: “Agora um pouco de topologia”, momento de quarto de volta que corta o texto no ponto em que a costura refaz o möebiano. Dizer extraído do texto, sumo ao espremer a fruta, as voltas da análise e o lugar do Discurso Analítico implicado nisso.

...

Vários campos do conhecimento são expropriados para a construção da psicanálise. Linguística e matemática são convidadas a oferecerem o seu melhor sumo para que o analista se sustente. Mesmo dizendo que não tem nada com a linguística ou que sua lógica não é a da matemática ou a do lógico, o analista se escora nessas ciências e usufrui de suas construções.

Como ele mesmo repete incansavelmente, é a lalíngua que ele habita que o auxilia em suas construções. Aí entra uma questão para outras lalíguas, exploro aqui somente a minha. Como tradizer (termo de lalíngua que habito, forjada por

Guimarães Rosa – mago de lalíngua brasileira-sertaneja) tantas construções importantes e fazê-las audíveis sem cair nos galicismos? Os tradutores tentam e conseguem algumas preciosidades. Mas ainda assim como fazer com as palavras inventadas. Alguns exemplos: o ser que o psicanalista injeta, encavala dentro de tantas palavras que de ser não tinham nada? Forçamos: *Pareser, peloser*. Ou o Semblante que não consegue a mesma sonoridade: *s’y embler*, se emblemar. E alguns que simplesmente não funcionam na lalíngua brasileira: *cientichatos* (scients) e *serrar* (sciès). Poderíamos forjar um dicionário dos neologismos encontrados em *Aturditos* e suas não-traduições. A cada vez que as incluímos em nossos textos precisamos recorrer incessantemente ao recurso das notas de rodapé. Rodamos o pensar com os pés!

Volto à Guimarães Rosa que defini bem o que é inventar palavras:

Diz-se-nos também, é certo, que tudo não passa de um engano da arte, leigo e tredo: que quem inventa palavras é sempre um indivíduo, elas, como as criaturas, costumando ter um pai só, e que a comunidade contribui apenas dando-lhe ou fechando-lhes a circulação. Não importa. Na fecundidade do araque apura-se vantajosa singeleza, e a sensatez da inocência supera as excelências do estudo. Pelo que, terá de ser agreste ou inculto o neologista, e ainda melhor se analfabeto for.²³

²³ Tutameia, p.92.

Rosa parece ter lido o Posfácio do seminário 11. O analfabeto não é aquele que ainda está entregue ao puro equívoco da escuta? Seria isso um bom uso para os analistas ao lerem os poetas que insistem nesse estado? Trago este ponto para pensar que algo da transmissão das construções lacanianas dentro do português esbarram, tropeçam e as vezes se acidentam seriamente com o uso incessante de Lacan de neologismos na língua por ele habitada. Como temos tratado isso? Estudar o francês foi essencial para meu ensino. Não temos mais a tradição do ensino do francês em nossas escolas em terra *brasilis*. Muitos de nós, já *alfbestificados*, entramos em cursos de francês na esperança de ler e se apropriar melhor do estudo da psicanálise. Não chega a ser impossível, mas algo aparece nesse percurso: seria do campo do necessário ler em francês para acompanhar o que Lacan nos diz? Nesse ponto paro para um agradecimento-elogio aos esforços de tradução. Sim, mesmo que alguma sejam péssimas! O possível de aprender encontra o impossível de dizer. Há um impossível que se apresenta a cada volta do ensino e que se refastela nas tentativas de transmissão, por que não trans-missão?

Nesse ponto uma questão extraída dos encontros do cartel: mesmo com um francês rudimentar na escrita e na fala, algo é possível de escutar e de ler. A aposta de nossa Escola no plurilinguismo é uma aposta importante e animadora. Mas ainda esbarramos na dificuldade que é abrir para tantas línguas falarem e serem escutadas. Uma saída importante que temos em Wunch e em Heteridade são as traduções: seriam modos de traduzir e ressoar e assim dar lugar as muitas

línguas de nossa Escola? Mas ainda esbarramos com as dificuldades específicas de cada língua, no impossível de cada uma.

...

O Dizer, mais uma volta, aquele que insistimos que está do começo ao fim bricolando o sujeito. Fazendo-o passar do bilátero de sua neurose ao um-dizer unilátero moebiano do fim. Mas chegar a esse unilátero, aturdidamente, é passar por uma série de mudanças que podemos acompanhar na segunda volta do texto. Da banda fingida (empresto lalíngua de Rithée Cevasco) à banda de Möebius: um percurso de análise do começo a seu fim.

Mas Lacan não ficou apenas aturdido, ele tem um bom encontro com os elos que modificarão radicalmente vários pontos de seu ensino. Vale notar que ele tem esse encontro em um jantar e recebe os elos de uma mulher, Valérie Marchand, que podemos sonhar que tinha tranças em seus cabelos. No cartel, mesmo que o aturdido tenha aberto os serviços, o nó se apresentou a cada encontro como um passo a ser dado na sequência de Aturdido. Uma outra topologia que não a de superfície, mas que certamente não a exclui. Do aturdizer ao dizerlaço temos o que de invenção recolhemos das análise que conduzimos.

Beatriz Oliveira \ Um saber que se inventa

— Cartel “Antecedentes do desejo do psicanalista”²⁴



Beatriz Oliveira. Psicanalista, *membro da FCL-SP, AME da EPFCL.*

Gostei muito dessa provocação do CAOÉ pois me pareceu que não é possível pensar a formação do psicanalista sem a invenção que Lacan nos propõe pensar a partir de 79, na conclusão da jornada sobre a transmissão, qual seja, a de reinventar a psicanálise, situando o passe como o dispositivo onde pudéssemos recolher o que cada um fez de sua própria análise.

Nosso cartel se debruçou sobre quais poderiam ser os “Antecedentes do desejo do psicanalista”, a partir da participação que tivemos em um cartel do passe. Desde essa perspectiva, acompanhamos diversas leituras, principalmente de testemunhos de AE que foram nos dando pistas sobre algo que se atinge em uma análise, que diz de um saber novo, inédito, desde o qual se decide uma saída.

²⁴ Cartel “Antecedentes do desejo do psicanalista”, com Cathy Barnier, Nicolas Bendrihen, Fernando Martínez (mais-um), Mikel Plazaola, Matías Buttini y Beatriz Oliveira

Na 'Nota aos Italianos', Lacan dirá que só existe analista se o desejo de saber lhe advier, um desejo inédito, não mais encoberto pelo amor à verdade. Um desejo de saber que passou pela experiência desse horror de cernir o Real e nos lança no luto da radical destituição subjetiva diante da impossibilidade de fazer par com o Outro. Um, um, um só diante de seu passo de saída desse im-passe de uma análise.

Em que medida esse desejo inédito, desejo de saber se articula ao desejo do psicanalista? Para que o sujeito suporte que não há relação sexual e saia da angústia que o furo nesse lugar do Outro implica, é preciso topar um saber sem sujeito que sustenta o ato do psicanalista, um saber no Real. No mesmo texto de 73, Lacan dirá: "Naturalmente esse saber ainda nem foi para o forno. Porque é preciso inventá-lo" (Lacan, p. 315).

Sobre a invenção, Diana Rabinovich dirá: "Esse saber que são pedaços de saber, fragmentos de saber, a esse saber só resta inventar. Como? Inventar sob a forma do bem-dizer para o analisando, do um a um que cabe ao analista enfrentar a cada vez." (p. 166)

Lacan associa a invenção ao conjunto aberto, não-todo, justamente ali onde situa também o objeto a e o gozo da mulher barrada, a contingência. Assim, me parece que essa invenção de saber só pode acontecer quando uma análise conduz o sujeito a esse ponto: um Real do qual se extrai um desejo de saber inédito que, em alguns casos, leva ao desejo do psicanalista de obter a diferença absoluta.

Referências

Lacan, J. – (1973) Nota Italiana. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

Rabinovich, D. – O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

Eliane Pamart \ Inquietações do passador

— Cartel “Funcão: passado”²⁵



Eliane Pamart. *Psicóloga clínica, licenciada pela Universidad de Rennes II; psicanalista em Tours, membro de Escola dos Foruns do Campo Lacaniano-Francia, AME; responsável pelo Espaço Clínico de Tours, diretora de publicação do número 24 da Revista dos Colegios de Clínica*

Psicoanalítica do Campo Lacaniano.

Após pouco mais de 15 anos de experiência do passe em nossa Escola, como avançar com esse dizer lacaniano de que “o passado é o passe”, sem transformá-lo em um slogan? Que outras palavras podemos utilizar para circunscrever a função passado? Precisamente, passado é esse nome encontrado por Lacan para essa virada crucial que inaugura o momento do fim e, para além disso, tece no horizonte a perspectiva do passe – ou seja, mais do que uma função de Escola, função essa que está no coração do passe, passado é uma experiência. Para realizar a transposição que está sob sua responsabilidade, o passado viverá o desafio de ultrapassar a ideia da designação operada por seu analista – aquele

25 Cartel “Función: pasador”: ASSIS Leonardo (FCL-São Paulo), BOISSÉ Alexandra (EPFCL-France), MACHADO Zilda (FCL-Belo Horizonte), SCEMAMA-ERDÖS Mireille (EPFCL-France), plus-un PAMART Eliane (EPFCL-France).

reconhecido pelos seus pares como Analista Membro de Escola (AME) -, para então tomar como norteadora de seu trabalho a seguinte inquietação: o que se passou em minha cura?

No *encore* do desembraçar da transferência, o passador aponta não apenas para a participação de um analista na escrita de uma análise, como também convoca cada pessoa implicada no procedimento do passe a prosseguirem no exercício de decompor permanentemente a seguinte interrogação: *o que é um passador?*

Nesses termos, a proposta de um cartel intercontinental cai bem como dispositivo de tratamento de testemunho, ou seja, onde os próprios passadores e aqueles que os designam (os AMEs) possam fazer Escola e desde onde possam endereçar à comunidade tais inquietações a partir da experiência de cada um, fazendo jus ao predicado “internacional”. Tais questões são essenciais para sustentar a dimensão política do passe da Escola.

Colette Soler escreveu em junho de 2000: “A prática por si só não pode justificar a presença da psicanálise na civilização, a menos que ela seja constantemente repensada”²⁶.

²⁶ Colette Soler ; « La passe, échecs et empan des succès » Link, Juin 2000, p.14.

- a) Quais são as referências das quais dispõe o passador para sustentar a sua função para além de própria experiência analisante?
- b) Um passador não é um sabichão, mas também não é um leviano. Se o seu saber não é da ordem do conhecimento, em qual campo ele se circunscreve?
- c) O passador não obtura a angústia, mas faz dela a mostra da sua dignidade para com o real. A angústia, o afeto que não engana, seria sua bússola.
- d) Mas afinal, por que precisamos de passadores? O que leva um AME a apostar na designação de um analisante em determinado momento de sua cura?
- e) Ser designado passador é uma consequência de uma análise; a designação é efeito de um ato do analisante em sua própria análise. E marca de qual travessia?
- f) Considerando o acaso do passe, o que poderíamos dizer daqueles passadores que não foram sorteados? Quais são os efeitos do sorteio?
- g) Qual é a duração do trabalho do passador, sabendo-se que se trata de um trabalho de Escola? A partir de sua experiência como passador, quais são as repercussões em sua análise assim como em seu laço com a Escola?

h) Quais são os efeitos do encontro do passador com o cartel do passe para seu trabalho assim como no que toca sua própria análise?

i) É necessário que o passador tenha uma transferência com a Escola, mesmo que não seja um de seus membros? Ou melhor, o que está em jogo não é justamente sua dignidade em relação à psicanálise, com o saber inconsciente que o habita? Qual seria a diferença então entre os passadores que já possuem um laço com a Escola e aqueles que poderíamos chamar de “leigos”?

j) Quanto à designação de passadores que se refere aos AMEs e a nomeação de AEs pelo dispositivo do passe, de que maneira convocam a responsabilidade da Escola em sua integralidade e sobre seu futuro?

Tradução: Leonardo Assis

Continua...

Agradecemos aos autores destas Folhas Volantes nº 6 por suas contribuições e elaborações.

A próxima Meia Jornada de cartéis de Escola intercontinentais e bilíngües será no sábado, 11 de outubro, às 15hs (Europa) e as 10hs (Argentina e Brasil), com o tema: Passe ♦ Ética.

Convidamos os membros de Escola a se animarem para novas propostas de cartéis intercontinentais e bilíngües, podem enviar suas propostas para o seguinte endereço de e-mail: caoe@champlacanien.net.

A missão do Colégio de Animação e Orientação Escolar (CAOE) é facilitar o debate sobre as Escolas em nível internacional. Este Colégio é responsável por coordenar as atividades e/ou temas das jornadas de escola, iniciá-los onde ainda não existem, em suma, promover o trabalho da Escola em nível internacional.

O site do CAOÉ está traduzido para os cinco idiomas da IF:

- FR
<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=1>
- EN
<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=2>
- ES
<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=3>
- BR
<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=4>
- IT
<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=5>

O site do IF está localizado em:

<https://www.champlacanien.net/>

Esta edição é de responsabilidade de Dyhalma Ávila e Adriana Grosman com a colaboração de Karim Barkati.